

Sem saída

(IN)JUSTIÇA Magro e envelhecido, prestes a ser condenado mais uma vez, Lula parece sinalizar um triste pedido de socorro

POR FRED MELO PAIVA*





Na quarta-feira 14, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva deixou a sede da Polícia Federal em Curitiba pela primeira vez desde que foi preso, há quase sete meses e meio. Levado a prestar depoimento sobre o processo do sítio de Atibaia, do qual é réu por corrupção passiva e lavagem de dinheiro, sentou-se pela primeira vez diante da juíza substituta de Sérgio Moro, Gabriela Hardt. O que se viu em seguida, episódio inédito da série a que os gaiatos chamam “House of Mãe Joana”, referência a *House of Cards*, foi de dar pena até no antipetista empedernido que tenha preservado, no entanto, pelo menos um ventrículo do coração. Um senhor de 73 anos, condenado sem provas a mais de 12 anos de cadeia, preso sem trânsito em julgado, magro e envelhecido, irritadiço e desesperançado, é acosado pela jovem e arrogante magistrada. Tão pateticamente disposta a inaugurar com esplendor suas primeiras 2 horas e 38 minutos de fama, que, a cada intervenção feita às patadas, se tem a impressão de que surgirá ao fundo uma

claque de palmas. A exemplo de Moro, fica claro que, no lugar da juíza a arbitrar uma decisão, tem-se na verdade mais uma promotora de acusação com a sentença na manga e os ouvidos moucos.

“Não sei se vou viver o suficiente para que se saiba a verdade, porque aos 73 anos a natureza é implacável”, disse Lula a certa altura do interrogatório. “Mas peço a Deus que em algum momento a história deste país possa colocar a verdade do que se passou na Lava Jato, que poderia ter sido uma coisa feita corretamente para pegar ladrão e, no meu caso, se tomou um desvio.” Em vez da presunção de inocência, diante de tal discurso pode-se presumir a cara de paisagem da juíza Hardt, 42 anos, cujo nome nas redes

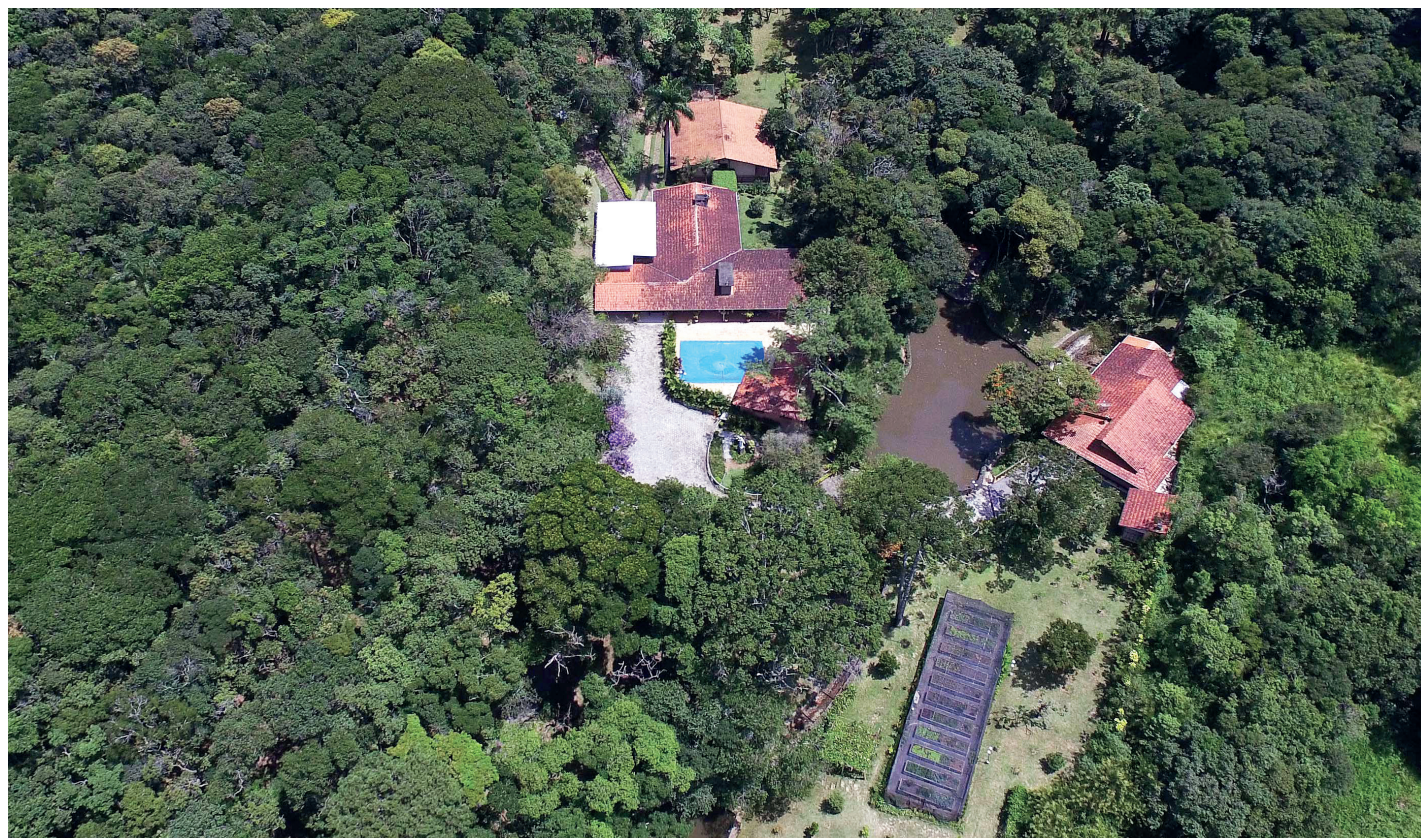
“Não sei se vou viver o suficiente para que se saiba a verdade. Aos 73, a natureza é implacável”

Sete meses depois. A fisionomia do ex-presidente teria sensibilizado juízes superiores, que estariam discutindo outra vez uma “remota” prisão domiciliar

sociais foi abreviado para Hard (dura), a conferir-lhe assim uma alcunha de vingadora da Marvel. A dupla dinâmica com Super Moro vem desde a Universidade Federal do Paraná, onde Hardt era estudante e Moro, professor. Gabriela nasceu e cresceu em São Mateus do Sul, cidade de 45 mil habitantes. Passou no concurso e virou juíza aos 34. Metade da carreira de oito anos atuou em Paranaguá, cuja população conta 150 mil pessoas. Ademais, a Globo informa que Hardt, no caso, Hard, é atleta e “compete em provas de maratonas aquáticas, nadando 5 quilômetros em águas abertas”. Tão avassaladora experiência lhe permitirá, favas contadas, condenar um ex-presidente da República de 73 anos a sabe-se lá quanto tempo mais de cadeia. Para tanto, não precisará mais do que um conjunto robusto de convicções, a reboque das quais virão as “provas”.

HEULER ANDREY/AFP E REPRODUÇÃO





Realismo fantástico. O ex-presidente é acusado de ser o dono do sítio de Atibaia (SP), cujo dono é Fernando Bittar.

Enquanto se desenrola o folhetim, o acampamento Lula Livre mantém-se a postos em frente à sede da Polícia Federal, a menos de 50 metros da cela onde dorme o ex-presidente. Depois de 230 dias e negociações diversas, ocupa agora um terreno privado, alugado pela Frente Brasil Popular. Entre 100 e 150 pessoas revezam-se na vigília, mas há um temor crescente de que ela se disperse, o que seria um desastre. “Este é um espaço de resistência, de teimosia, coragem e lealdade ao presidente Lula”, diz o coordenador do MST no Paraná, Roberto Baggio. “O Lula sempre diz que somos a fortaleza que o mantém forte nesse calabouço.” “Enquanto ele estiver preso estaremos aqui”, promete a professora Theresa

Lemos, integrante da Frente. “Já se planeja um Natal e Réveillon no acampamento”, conta Lurian Cordeiro Lula da Silva, filha do ex-presidente. “Nós temos a tarefa de resistir, porque o que está acontecendo é uma farsa”, diz o senador petista Lindbergh Farias. “Qual é o crime que Lula cometeu?”, pergunta a presidente do PT e também senadora Gleise Hoffmann. “Corrupção passiva precisa de um ato de ofício. Lavagem de dinheiro também. Lavou dinheiro de

Um hipotético PowerPoint do processo traria Lula crivado de flechas como um São Sebastião

quem e onde? O sítio não é dele, ele não pediu as reformas, as testemunhas falam que não tem nada a ver com recursos da Petrobras.” Para Gleise, a audiência de Lula foi “mais uma peça teatral”, um lamentável episódio da série.

A frase parece extraída do realismo fantástico: Lula é acusado de ser dono do sítio de Atibaia (SP), cujo dono é Fernando Bittar, filho de Jacó Bittar, sindicalista, político, um dos fundadores do PT e amigo de Lula há 43 anos. Um hipotético PowerPoint a explicar o processo traria o ex-presidente ao centro, crivado de flechas como um São Sebastião: Lula frequentava o sítio, havia pertences de Lula na propriedade, Lula hospedava-se no quarto principal, dona Marisa comprou um barco de lata para deixar na lagoa do sítio, havia dois pedalinhos com nomes dos netos de Lula, uma nota fiscal de Atibaia foi localizada no apartamento

MÁRCIO FERNANDES/ESTADÃO. CONTEÚDO, REPRODUÇÃO, LULA MARQUES/AG. PT E ANTONIO CRUZ/ABR



de Lula em São Bernardo do Campo. Por óbvio, nada disso configura crime, ou até os partícipes mais expansivos de um inocente churrasco estariam sob suspeita. Três delatores premiados, então, apontaram como propina paga ao ex-presidente Lula obras realizadas no sítio de Bittar por Odebrecht e OAS, avaliadas segundo a acusação em cerca de 700 mil reais. Como o ex-presidente já era ex na ocasião das obras, fez-se necessária uma ginástica capaz de “provar” que as empreiteiras levaram vantagens em troca do puxadinho no sítio. O resultado revelou um modelo

invertido de “corrupção”, tão inédito em seu *modus operandi* quanto inverossímil: primeiro teriam vindo as contrapartidas, na forma de contratos da Petrobras com as empreiteiras, firmados quando Lula ainda era presidente. Depois, já ex, o puxadinho. Para efeito de condenação, a tese presta duplo serviço: faz desnecessário provar a propriedade do imóvel, e sublinha Lula como o gênio do crime.

É de se desconfiar de qualquer um que se preste voluntariamente a estar na capa da atual revista *IstoÉ*, dizem as boas línguas, *IstoEra* ou *QuantoÉ*. Na semana

Dupla dinâmica. A parceria vem desde a faculdade. A heroína da Marvel Gabriela Hard era a aluna. Super Moro, o professor

passada, lá estava Super Moro a esculpir a imagem do gênio do crime, o mesmo que o então juiz tirou do páreo abrindo caminho para a eleição de Bolsonaro e para a própria transmutação naquilo que afinal sempre foi, um político (*ver episódios anteriores de House of Mãe Joana*). Em pose de Clark Kent, está ladeado pela frase monumental: “Lula é o mentor do esquema criminoso na Petrobras. O triplex é a ponta do iceberg”. Uau! Adentra-se a publicação com a certeza de que o entrevistador desejou saber mais sobre a parte submersa da geleira. Nada. Quando se faz propaganda política travestida de jornalismo, o fato é que os fatos pouco importam, tanto a quem pergunta como a quem responde. Exatamente o que se deu com os “furos” de *O Globo* e *Veja* nos casos do triplex do Guarujá e do sítio de Atibaia, em que empresários teriam corrompido o ex-presidente em troca sabe-se lá do quê.

(A título de compensação, um parêntese. Aprecie com moderação esta abertura de matéria de Gerson Camarotti para a revista *Época* em fins de 2002, quando



Gleise. “Qual é o crime que Lula cometeu? Lavagem de dinheiro de quem e onde? Isso é mais uma peça de teatro”



Lindbergh. “Nós temos a tarefa de resistir, porque o que está acontecendo é uma farsa”.



Seu País

Ele pode. Em fins de 2002, FHC reuniu empresários no Planalto e passou o chapéu para financiar seu instituto. Entre eles, Emílio Odebrecht.

o presidente Fernando Henrique se preparava para passar a faixa a Lula: “Foi uma noite de gala. Na segunda-feira, o presidente Fernando Henrique Cardoso reuniu 12 dos maiores empresários do país para um jantar no Palácio da Alvorada, regado a vinho francês Château Pavie, de Saint-Émilion – US\$ 150 a garrafa nos restaurantes de Brasília. Durante as quase três horas em que saborearam o cardápio preparado pela chef Roberta Sudbrack – ravióli de aspargos, seguido de *foie gras*, perdiz acompanhada de *penne* e alcachofra e rabanada de frutas vermelhas –, FHC aproveitou para passar o chapéu. Após uma rápida discussão sobre valores, os 12 comensais do presidente se comprometeram a fazer uma doação conjunta de R\$ 7 milhões à ONG que Fernando Henrique Cardoso passará a presidir assim que deixar o Planalto em janeiro e que levará seu nome: Instituto Fernando Henrique Cardoso, IFHC”. De acordo com a jurisprudência do episódio Atibaia, será o caso de verificar que relação o governo FHC manteve antes com cada um dos empresários presentes à noite de gala? Segundo Camarotti, estavam lá, entre outros, Emílio Odebrecht e Luiz Nascimento, da Camargo Corrêa. “Em troca da doação, cada um dos convidados terá o título de cofundador do IFHC”. E a gente a imaginar contratos com a Petrobras, que maldade.)

Tivesse oferecido como contrapartida ao agrado dos empresários títulos de copiloto em seus pedalinhos, o triste senhor de 73 anos não estaria agora diante de Hard. Hard não é mole. No início do depoimento, ao ser questionada pelo ex-presidente se era ele o dono do sítio, foi logo avisando que “esse é um interrogatório, e se o senhor começar nesse tom



comigo a gente vai ter problema”. Mais adiante, ao criticar o PowerPoint usado pelo Ministério Público Federal para apresentar a denúncia do triplex, Lula disse: “Eu, se fosse presidente do PT, pediria a todos os filiados no Brasil inteiro, prefeitos, deputados, para que abrissem processo contra o MP para ele provar o PowerPoint”. Hard manteve-se firme: “O senhor está instigando e intimidando a acusação, eu não vou permitir, o senhor não fale isso de novo”. Por fim, ao escutar de Lula que o doleiro Alberto Youssef “era amigo do Moro desde o caso Banestado”, Hard achou que era o caso de endurecer e perder a ternura. Dirigindo-se ao advogado Cristiano Zanin, ameaçou pegar Lula na porta da escola: “Ele não vai fazer acusações ao meu colega aqui”.

Lula ainda será sentenciado em outros cinco processos além deste. É acu-

Ao ver o advogado despedir-se para ir embora, Lula não se aguentou: “Me leva com você”

sado de ter recebido da construtora Odebrecht um terreno onde seria construído seu instituto. Em troca, teria mantido a cúpula diretora da Petrobras. É acusado também de ter negociado com lobistas suecos a compra de caças militares depois de deixar a Presidência, e de ter aceitado um suborno para prorrogar benefícios fiscais ao setor automobilístico enquanto era presidente. As outras acusações referem-se a obras que a Odebrecht teria conseguido no exterior graças à influência do ex-presidente.

Segundo Mônica Bergamo, da *Folha de S.Paulo*, sua imagem no depoimento a Gabriela Hardt teria comovido juízes superiores, que estariam discutindo a possibilidade “remota” de conceder-lhe a prisão domiciliar. A certa altura daquela quarta-feira, o advogado José Roberto Batochio informou que iria deixar a sala de audiência: “Vou pedir licença a Vossa Excelência, meu colega continua aqui a defesa. Agradeço e desejo a todos um bom feriado”. O ex-presidente não se aguentou: “Me leva com você”. Arrancou risadas, como o Lula velho de guerra. Mas pareceu sinalizar um triste pedido de socorro. •

* Colaborou Rene Ruschel, de Curitiba.